

EMIGRAÇÃO, INDUSTRIALIZAÇÃO E CULTURA DO TRABALHO: O CASO DE GALÓPOLIS PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL NA ZONA DE COLONIZAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL

1. Introdução

A primeira indústria têxtil de lã da zona colonial italiana no Rio Grande do Sul remete a história da emigração italiana no Sul do Brasil ainda no século XIX. A história desse estabelecimento industrial permite, por meio do estudo do seu patrimônio, entender como se organizou a primeira cooperativa têxtil na colônia italiana de Caxias do Sul quanto aos meios de trabalho e principalmente ao saber técnico que os operários dispunham quando chegaram ao Brasil.

A riqueza desse estudo mostra a junção de duas culturas que são criadas a partir de uma história comum que se dá no ambiente fabril cujo patrimônio material e imaterial é prova dessa união e integração. De um lado, a expulsão de trabalhadores da primeira grande indústria de lã, no Norte da Itália¹ e de outro, a política migratória imperial no Brasil que atrai mão de obra para a ocupação da terra e para a realização do trabalho livre. A partir dessas duas condições objetivas, nasce a decisão dos emigrados de construir uma tecelagem, sob o formato de cooperativa, localizada num lugar montanhoso, semelhante ao local de partida onde essas paisagens são aproximadas em torno de um objetivo comum. A criação de um espaço de trabalho garantiu a sobrevivência familiar desse grupo de emigrantes que reproduziu a cultura de origem.

Nesse sentido, justifica-se a importância dos estudos de patrimônio por serem carregados de memória e de história. São tentativas de deixar viva uma história que carrega traços identitários, de longa data e que não se restringem apenas a história do tempo presente. São marcas da cultura que permaneceram presentes no patrimônio e que falam sobre feitos do passado e de seus desdobramentos.

O patrimônio industrial expressa a força de uma memória coletiva que foi construída pelo trabalho de muitos e que permaneceu em suas lembranças não querendo ser esquecida, nem apagada. Uma memória que se tornou um sentimento de identidade por aqueles que vivenciaram a construção da fábrica e por aqueles que a rememoram através das lembranças de seus antecessores. «A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros»². A vila operária

¹ E.M. SIMINI, *Espulsione di operai e dinamiche sociodemografiche in un distretto industriale veneto: l'emigrazione da Schio a fine '800*, in *Un altro Veneto. Saggi e studi di storia dell'emigrazione nei secoli XIX e XX*, a cura di E. FRANZINA, Abano Terme, Aldo Francisci Editore, 1983, pp. 49-66; A. FOLQUITO VERONA, *I xe come la zavorra; a trajetória dos operários que deixaram Schio rumo Sao Paulo em 1891*, Assis, 1993 Dissertação (Mestrado em História)-Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, 1993.

² M. POLLACK, *Memória e Identidade Social*, in «Estudos Históricos», V, 10 (1992), p. 2004.

reflete esse sentimento de identidade que foi construído pelo trabalho de muitos que lá viveram e que transformaram aquele patrimônio em símbolo do trabalho coletivo.

Nesse sentido, a preocupação pela preservação do patrimônio industrial no Brasil é recente e a discussão sobre “arqueologia industrial” ocorre quando muitos edifícios industriais são destruídos e as localidades onde estão instalados perdem suas identidades. A preservação do patrimônio industrial pode oferecer à sociedade a história de um bem cultural do passado onde seja possível descrever como se dava os processos de produção, inseridos na cidade. A arqueologia industrial pode ser entendida como:

o esforço multidisciplinar de inventários, de registros, de pesquisas histórico-documentais e icnografia, de entrevistas, de levantamento métrico e análises de artefatos e de edifícios e conjuntos e de sua transformação no decorrer do tempo, de seus materiais, de suas estruturas, de suas atuais patologias, de sua inserção na cidade ou território, de sua forma de ligação com os variados setores da sociedade, de suas formas de recepção e percepção, e sendo reconhecidos como bem cultural³.

É importante lembrar que existem inúmeros tipos de bens significativos e, para estudá-los, torna-se necessário ver onde se enquadram. Conhecer o patrimônio industrial é conhecer a história da industrialização no passado e no presente⁴; é ver como se deu a transmissão de diversos saberes que fizeram a transformação e que foram importantes para aquele período. É a transmissão da cultura da técnica. De acordo com Mello e Silva, a arqueologia industrial:

necessariamente inclui esse aspecto dinâmico da cultura[...] Para que o elo seja estabelecido, é preciso que os traços e as marcas materiais sejam mantidas, preservadas. Essas marcas devem ser confrontadas com outras fontes, sobretudo o depoimento da população, seus descendentes que vivenciaram o ambiente em que aquelas fábricas funcionaram⁵.

Outro dado relevante para análise do patrimônio industrial é a possibilidade de acompanhar as mudanças que ocorreram na fábrica a partir das mudanças nos equipamentos, situados num contexto sóciohistórico. Mello e Silva pressupõe que «acompanhar as mudanças na linhagem do maquinário fabril (e do seu ambiente construído) é acompanhar uma história da técnica que a insere dentro de uma determinada cultura material»⁶. Além do maquinário que está vinculado a produção, pode-se fazer um inventário de outros instrumentos utilizados no processo produtivo que ilustram a forma de produção.

³ B.M. KÜHL, *Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização: Problemas teóricos de restauro*, São Paulo, Editora Ateliê, 2009, p. 2. Ver também B.M. KÜHL, *Algumas questões relativas ao patrimônio industrial e à sua preservação*, in: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/algumas_questoes_relativas_ao_patrimonio.pdf. [26/08/2018].

⁴ G.L. FONTANA, *Historia del patrimonio industrial. Objetivos y metodología*, in *Patrimonio hidráulico, industrial, arquitectónico y urbano en el ámbito hispano-cubano*, editado por G.L. FONTANA-J. MELGAREJO -M.V. ZARDOYA, Perugia, Crace, 2013.

⁵ L. MELLO E SILVA, *Patrimônio Industrial: passado e presente*, in «Patrimônio. Revista Eletrônica do IPHAN», 2006, 4, p. 2, in http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/patrimonio_industrial_passado_e_presente.pdf, [26/08/2018].

⁶ *Ivi*, p. 3.

Dos patrimônios elencados, é importante incluir o patrimônio que representava a vida coletiva à qual a fábrica estava ligada, ou seja as moradias, as instituições vinculadas à fábrica como a escola, o cinema, a praça, o campo de futebol, a venda principal, entre outros edifícios de valor histórico e de memória coletiva. O estudo das vilas operárias faz parte também do estudo do patrimônio industrial⁷. As vilas operárias, incorporadas em bairros, caracterizados como operários, são uma demonstração da relação e da vinculação da produção da indústria e do produtor, testemunho daquela história.

Para Mello e Silva, os estudos de patrimônio industrial são «campo de investigação vivo [...] não se limita apenas a um conjunto de bens arquitetônicos ou sítios cheios de objetos e partes de objetos interessantes»⁸. Essa observação indica que por detrás dos bens arquitetônicos nas fábricas havia um fazer técnico e analisar esse saber é uma forma de transmissão presente acerca de um passado que pode revelar as transformações que os processos fabris sofreram a partir das mudanças tecnológicas. O saber fazer pode ser considerado um patrimônio imaterial frente ao patrimônio material representado pelos instrumentos, equipamentos, máquinas e prédios. O saber fazer representa uma etapa do processo produtivo, antes da mecanização quando o fazer artesanal era parte fundamental da produção⁹.

Segundo a Carta de Nizhny Tagil sobre Patrimônio Industrial, aprovada em 2003, pelo Comitê Internacional para a Conservação do Patrimônio Industrial (TICCIH), patrimônio industrial é definido como «aqueles restos de cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico». Estes restos podem ser entendidos como «lugares onde se desenrolaram as atividades de transformação, as infraestruturas que os comunicam, seus edifícios, suas maquinarias assim como os sítios para a vida social, costumes, e modos de fazer, conforme o amplo conjunto que constitui o patrimônio Industrial»¹⁰. A conceituação proposta pela Carta de Tagil para patrimônio compreende não apenas os vestígios da cultura industrial mas também os locais onde as atividades sociais aconteciam relacionadas com as atividades fora da fábrica mas vinculada a ela.

Dessa forma, esse estudo foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica, documental, cujas fontes foram registros públicos, que estão disponíveis no Arquivo Histórico João Spadari Adami, do Município de Caxias do Sul, plantas industriais, com documentos sobre a evolução da fábrica, crescimento do capital, investimento de tecnologia nos acervos do antigo Lanifício São Pedro e do Lanifício Sehbe, registros fotográficos, além de pesquisa de campo com ex-operários e dirigentes administrativos. Sobre os operários italianos, foi utilizado o acervo acerca da historiografia da emigração italiana no Brasil, localizado na Università degli Studi di Padova, los documentos da indústria Lanerossi, disponíveis na Biblioteca Cívica de Schio, e diversas publicações de Giovanni Luigi Fon-

⁷ *Comunità del lavoro / Company Towns in the World*, a cura di G.L. FONTANA, Venezia, Marsilio, 2018.

⁸ MELLO E SILVA, *Patrimônio Industrial: passado e presente ...* cit., p. 1.

⁹ INSTITUTO ANDALUZ DEL PATRIMONIO HISTORICO. CONSEJERIA DE CULTURA Y DEPORTE. JUNTA DE ANDALUZIA, *Qué es patrimonio industrial*, p. 2, in http://www.iaph.es/export/sites/default/galerias/patrimonio-cultural/documentos/gestion-informacion/Que_es_patrimonio_industrial.pdf.

¹⁰ Carta de Nizhny Tagil sobre o patrimônio industrial, TICCIH, 2003. Disponível em: www.ticcih.org [13/09/2018].

tana. A pesquisa bibliográfica versou sobre dois pontos fundamentais: a bagagem dos operários italianos que fundam a cooperativa têxtil no sul do Brasil e o desenvolvimento da cooperativa que resulta na construção desse patrimônio industrial.

2. História da Cooperativa Têxtil “*Tevere e Novità*”

No final do século XIX, o sul do Brasil passa ser destino final de muitos imigrantes italianos. Alguns escolheram a Província do Rio Grande do Sul devido ao Programa de Colonização e Imigração do governo Imperial. Muitas facilidades foram oferecidas aos emigrantes europeus por meio desse programa, que incluía desde o acesso à terra, possibilidade de trabalho familiar, instrumentos de trabalho entre outras vantagens.

Na Província do Rio Grande do Sul, as colônias fundadas pelo governo, após a Lei de Terras¹¹ receberam um fluxo considerável de imigrantes europeus, principalmente italianos. Nesse contexto, quatro coloniais oficiais são criadas na Província do Rio Grande do Sul, três ao Nordeste do Estado e uma na zona central. As colônias fundadas são Conde d’Eu, Princesa Isabel, Caxias e Silveira Martins.

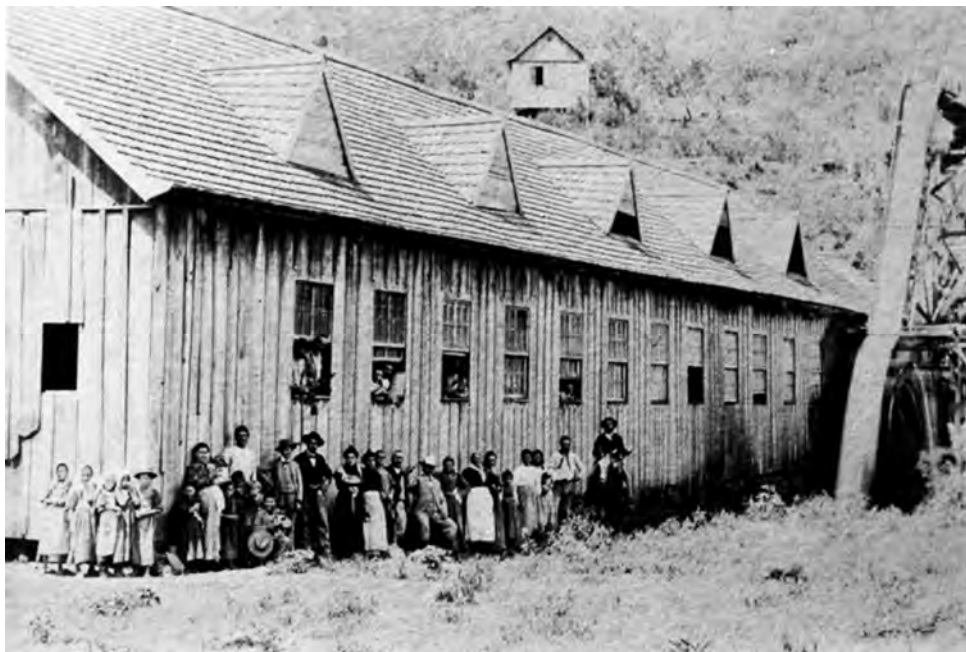
Entre as colônias, destaca-se a “Colônia Caxias”, que se torna a sede da colonização italiana no Rio Grande do Sul. Esta Colônia, denominada inicialmente de “Fundos de Nova Palmira”, é fundada em 1875, com a chegada de emigrantes vindos principalmente do Norte da Itália que são distribuídos entre as 17 léguas quadradas.

Essa colônia se desenvolve de forma rápida e em 1890 se emancipa politicamente do município de São Sebastião do Caí, centro comercial reconhecido no Estado. Começa uma vida própria, como município autônomo, com uma economia diversificada, marcada pela cultura italiana. Muitos emigrantes italianos haviam escolhido o Rio Grande do Sul como destino final e a localidade cresceu rapidamente, se tornando um próspero centro comercial, local de troca dos produtos coloniais e de serviços para as colônias agrícolas.

Nesse mesmo período, em 1891, após uma grande greve que ocorre numa indústria têxtil¹², na cidade de Schio, na Província de Vicenza, ao Norte da Itália, muitos operá-

¹¹ O governo imperial concedeu a cada uma das províncias 36 léguas quadradas de terras devolutas com objetivo de colonização. A Lei de Terras n.601, de 18 de setembro de 1850, tornou-se um forte estímulo a imigração estrangeira, uma vez que estabelecia as regras da estrutura fundiária do país, definindo que a ocupação seria com terras devolutas no Império e não das que possuísem o título de sesmarias. Muitos anos depois, em 1867, o governo por decreto aprova a “Lei das Colônias” que define as regras da colônia como prazo de pagamento da terra, títulos, tamanhos de lotes entre outros aspectos importantes da regulamentação.

¹² Os estudos de Giovanni Luigi Fontana sobre o Lanifício Rossi e sobre arqueologia industrial explicitam a importância do patrimônio industrial na época. Ver: *Schio e Alessandro Rossi: imprenditorialità, politica, cultura e paesaggi sociali del secondo Ottocento*, a cura di G.L. FONTANA, 2 voll., Roma, Edizioni di Storia e Letteratura, 1985-1986; G.L. FONTANA, *Mercanti, pionieri e capitani d'industria. Imprenditori e imprese nel Vicentino tra '700 e '900*, Vicenza, Neri Pozza Editore, 1993; G.L. FONTANA, *Formazione imprenditoriale all'estero e quadri stranieri nell'innovazione tecnico-produttiva: il caso del Lanificio Rossi*, in E. DECLEVA-C. LACAITA-A. VENTURA, *Innovazione e modernizzazione in Italia fra Otto e Novecento*, Milano, FrancoAngeli, 1995, pp. 297-375; G.L. FONTANA-G. GAYOT, *Le ville lainières d'Europe entre histoire et patrimoine*, e ID., *L'Europe de la laine: transfert de techniques, savoir-faire et cultures d'entreprise entre Verviers, Biella et Schio*, in *Wool: Products and Markets (13th-20th Century)*, edited by G.L. FONTANA-G. GAYOT, Padova, Cleup, 2004, pp. 11-14 e 687-746; G.L. FONTANA-G. RIELLO, *Seamless Industrialization:*



A Tecelagem situava-se próxima ao Arroio Pinhal, lugar estratégico para a produção da lã. Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami. Caxias do Sul, 2018

rios migram para o Brasil e se instalam na Colônia Caxias. O local escolhido chamava-se “Vale Del Profondo” que se localiza entre a terceira, quarta e quinta légua, marcado pela paisagem geográfica semelhante àquela que deixaram na Itália. Esses italianos que tinham inúmeras habilidades profissionais decorrentes da experiência adquirida no Lanificio Rossi, decidem fundar uma cooperativa têxtil, de produção de lã com um capital inicial de L.100.000 libras¹³.

Esses imigrantes tinham domínio no ofício de fiar e tecer, e quando decidem fundar uma cooperativa no “Vale Del Profondo” tomam como modelo as que conheciam na antiga pátria¹⁴. A região de que provinham era conhecida pela produção da lã. Após essa decisão, um desses imigrantes chamado, José Berno, retorna a Itália para comprar diversos teares que serão seus instrumentos de trabalho.

The Lanificio Rossi and the Modernization of the Wool Textile Industry in Nineteenth-Century Italy, in «Textile History», 2005, 36, pp. 168-195, 36; G.L. FONTANA, *Réhabilitation du patrimoine industriel textile et développement local dans la Vénétie*, in *Traces, trajectoires et territoires. Le devenir du patrimoine industriel textile*, édité par K. HAMEL, Lillebonne, Cité des Matières, 2005, pp. 48- 52.

¹³ V.B.M. HERÉDIA, *O Processo de Industrialização na zona colonial italiana*, Caxias do Sul, Educs, 1997, p. 110. Ver também a edição ampliada V.B.M. HERÉDIA, *O Processo de Industrialização na zona colonial italiana*, Caxias do Sul, Educs, 2017.

¹⁴ Ver G.L. FONTANA, *Formazione ed evoluzione di una città del lavoro: Schio, “Nuova Schio” e l’industria laniera*, in «Ricerche Storiche», 39, 2009, pp. 47-88.



Galópolis na década de vinte. Fotografia de Sisto Muner. Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami. Caxias do Sul, 2018

A cooperativa é inaugurada em janeiro de 1898, formada por 28 sócios¹⁵. Segundo registros, o lugar era ideal pela proximidade de um arroio que oferecia água para movimentar os teares. Compraram 13 máquinas e construíram um estabelecimento com 38 janelas. A Cooperativa Têxtil “Tevere e Novità” permaneceu nas mãos dos emigrantes operários até 1904 quando foi vendida para Hercules Galló, um italiano de Biella que investe na tecelagem de lã, tornando-a em poucos anos uma das mais conhecidas do Estado. Hercules Galló era filho de um proprietário de lanifício de Valle Mosso e tinha experiência do lanifício paterno. Quando compra parcialmente a cooperativa dos emigrantes, a chama de “Companhia de Tecidos de Lã”.

Dois anos antes da Primeira Guerra Mundial, Hercules Galló faz uma fusão com a firma Chaves & Almeida, um de seus clientes, e é criada a Companhia Chaves& Irmãos. Nessa fase, a localidade passa a ser chamada Galópolis, em homenagem ao grande empreendedor que investiu no lanifício e construiu a vila operária. Com a nova administração são compradas maquinarias e é feito um grande investimento em energia que abastece o lanifício e a vila operária. A fusão representava uma ampliação nos meios de produção e consequentemente nas condições de vida da população que habitava na vila.

¹⁵ Segundo o Contrato de Compra e Venda (1898) dessa Cooperativa, constam os seguintes sócios: Giuseppe Berne; Giovanni Batista Tisotti; Giuseppe Bolfe; Henrique Cantergiani; Bortolo Cortese; Valdevino Mendes Torta; Giovanni; Giovanni Rech; Giuseppe Formolo; Maria Cesa; Luiz Curtulo; Angelo Basso; Jacinto Vial; Giovanni Mincato; Giuseppe Casa; Giovanni Stragliotto; Maria Dalmedico; Abramo Zardin; Francisco Formighieri e Giuseppe Comerlato.

Em 1916, o lanifício contava com 180 operários, destes 90 estrangeiros e 90 nacionais, e com uma infraestrutura adequada para o porte de uma grande indústria. Em 1921, Hercules Galló morre, e a fábrica é administrada por Orestes Manfro, gerente contratado pelos Chaves & Almeida para administrar o empreendimento. Em 1925, o lanifício investe em máquinas e infraestrutura, por meio da aquisição de «uma fição penteado completa de procedência francesa da Societé Alsacienne de Const. Mecaniques de Mulhouse, uma ampliação da fição cardada com três (3) cardas polonesas e dois (2) filatórios Self-acting da Inglaterra, uma (1) lavanderia Leviathan para a lavagem de lã, de fabricação alemã, vários teares, um (1) motor a gás pobre, marca Crossley com gerador marca Siemens de 150 KVA»¹⁶.

Apenas em 1928, a família Galló vende suas ações para o grupo Chaves & Almeida. Nessa data o lanifício se torna uma sociedade anônima e começa uma nova fase de crescimento e expansão, com a família Chaves Barcelos e Almeida no comando.

3. O lanifício São Pedro S.A. e o seu patrimônio industrial

A Companhia Chaves & Irmãos comprou de forma definitiva as ações da Família Hercules Galló em 1928. O patrimônio da indústria naquela data era de 4.510:000\$000, o que abrangia: edifícios, maquinaria, instalações nos edifícios, terrenos com área de 484243m², casas de operários, veículos, animas e carretas. Dez anos mais tarde, quando a empresa faz um inventário de seu patrimônio, o aumento de produção comprova seu crescimento, ou seja, dos 4.510:000\$000 para os «Rs.5.500:000\$000 dividido em 27.500 ações»¹⁷.

Em 1937, o governo brasileiro, liderado por Getúlio Vargas, havia modificado as regras de importação de máquinas que até então estavam proibidas. Com o término das medidas restritivas de importação de maquinários estrangeiros, que haviam sido criadas com a finalidade de proteger a indústria têxtil nacional, o Lanifício São Pedro S.A ampliou sua capacidade produtiva, segundo os seguintes dados: «309.588 metros de tecidos, 58.394 kg de fios e 41.201 unidades de artefatos de tecidos»¹⁸. Nesse ano, o lanifício contava com:

77 teares, 2.770 fusos de fio cardado, 3.150 fusos de fio penteado, 870 fusos de fio retorcido, uma máquina de lavagem de lã, duas estufas, 26 tanques de tinturaria e 24 unidades de acabamento de tecidos. Disponha de 519 empregados com uma folha de pagamento de Rs.100:000\$000. Funcionava 22 horas e 1/2 por dia em três turnos. Utilizava matéria-prima nacional¹⁹.

É um período que a indústria nacional cresce e com ela sua capacidade de produção. Com a Segunda Guerra Mundial, o Lanifício São Pedro S.A se torna de interesse mili-

¹⁶ HERÉDIA, *O Processo de Industrialização na zona colonial italiana ... cit.*, p.119.

¹⁷ *Ivi*, p. 141.

¹⁸ *Ivi*, p. 124.

¹⁹ Dados extraídos do Registro Industrial, emitido pela Companhia Lanifício São Pedro S.A para o Departamento Nacional de Indústria e Comércio, Decreto-Lei n. 281 de 18 de fevereiro de 1938.



Galópolis. Vista do Lanifício S. Pedro S. A. Acervo Histórico Municipal de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2018

tar e abastece o exército brasileiro. Em 1944, «o capital social foi elevado consideravelmente, passando de Cr\$ 5.500.000,00 para Cr\$ 9.350.000,00²⁰ e em 1945, o capital social aumenta para Cr\$15.000.000,00»²¹.

Em 1945, o Lanifício São Pedro S.A. importa novos maquinários devido a um grande incêndio que ocorre na secção de fiação cardado. Os proprietários do lanifício recebem permissão do governo brasileiro de importar máquinas dos Estados Unidos que estavam proibidas devido ao conflito mundial. A compra desse maquinário e o fim da guerra indicam um período de prosperidade que teve a indústria têxtil nacional, justificada pelo afastamento de seus concorrentes estrangeiros que estavam envolvidos no conflito. Com a compra dos maquinários americanos e mais turbinas, um gerador e uma caldeira, o lanifício se tornou uma das indústrias de lã moderna no país²².

Enfim, a direção do Lanifício São Pedro S.A sempre investiu na modernização da produção por meio da aquisição de maquinaria importada e instalações convenientes que deram margem à ampla expansão do Lanifício. Esse elemento é demonstrado nas diversas etapas da indústria, como se pode comprovar na evolução histórica da Com-

²⁰ Segundo a Assembleia Geral Ordinária, realizada em 30 de março de 1944 sob o apoio do art. 113 do Decreto-Lei n. 2627 de 26 de setembro de 1940, o total de ações integralizado era de 46.750 ações. In *Livro de Atas das Assembleias Gerais ... cit.*, p. 9.

²¹ *Livro de Atas de Assembleias*, 1944, in HERÉDIA, *O Processo de Industrialização na zona colonial italiana ... cit.*, 1997, p. 125-127.

²² Com a destruição da fiação cardada, novas máquinas foram compradas além da fiação cardada no exterior, como uma «turbina Khunert e um gerador Garbe Lahmeyer». Foi também adquirida no País uma «Caldeira de fabricação Alemã, de marca Hartman, nova, sem uso, que veio suprir todas as necessidades da produção». In *Arquivo Lanifício São Pedro, Anexo II, História do lanifício*. Galópolis, 1977, p. 2.



Vista do Lanifício São Pedro S.A. após a segunda guerra Mundial. Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami. Caxias do Sul, 2018

panhia. A compra de maquinários sempre foi feita no exterior e demonstra um conhecimento do mercado. É evidente que os administradores tinham ciência do tipo de equipamento necessário²³ pelo tipo de investimento feito, acompanhando a evolução tecnológica desse setor.

4. Algumas considerações

O estudo traz como resultado o reconhecimento do legado cultural que o patrimônio industrial oportuniza a sociedade como possibilidade de ações educativas voltadas para a valorização do patrimônio como história, também como formas de apropriação cultural que possa estimular o turismo nessa área.

Nesse sentido, o estudo do patrimônio industrial possibilita a socialização de bens culturais relacionados à vida produtiva no passado recente e permite a compreensão da evolução de processos de trabalho, valorizando o que foi feito e da forma como ocorreu.

²³ A compra da turbina termelétrica e das turbinas hidráulicas; a instalação de fiação cardada destruída no ano de 1945 por um incêndio, e da sua reposição com maquinários avançados no mesmo ano; a instalação de uma nova fiação penteado francesa em 1954; o reequipamento industrial que ampliou a fiação cardada e penteado e a tecelagem em 1974-1975, e a compra de uma *rama texima* com financiamento do BRDE para acabamento de tecidos com fibras sintéticas em 1978.



Vista aérea de Galópolis – década de 1970. Acervo: Cia Sehbe S.A

O entendimento desse processo não se dá fora do contexto sócio histórico e precisa levar em consideração as condições materiais e objetivas que influenciaram seus resultados.

O caso dessa cooperativa mostra como a mesma foi pensada e planejada da sua criação mais de um século atrás, quando a política imigratória no Brasil estimulava a vinda de estrangeiros para construir uma nação. O estudo reflete as condições da produção que os emigrantes dispunham, e das diversas transformações econômicas que promoveram para se manter no mercado frente às mudanças conjunturais no país.

A vila operária onde se situa a cooperativa tem uma história marcada pela imigração italiana no Brasil no final do século XIX e suas edificações são prova dessas marcas que se mantem vivas pela presença desses edifícios fabris, pelas moradias dos operários, pela organização da vila e pelo modo de pensar de seus habitantes. O patrimônio material fala por meio de suas edificações como produziram os primeiros operários e como viviam integrados e subjugados ao controle dos proprietários na vila operária. O patrimônio imaterial remete ao saber do operário que transformou o produto pela sua experiência e pela transmissão de sua cultura.

Os operários italianos provenientes de Schio criaram uma cultura do trabalho, repassada aos filhos e netos como possibilidade de ascensão social, convívio no grupo, valores culturais e domínio da técnica. O resultado desse processo industrial, têm na vila operária a manutenção de hábitos e costumes que marcaram esse grupo étnico e garantiram a sua reprodução pelo saber que transportaram, dando uma identidade étnica a esse processo.

É importante lembrar que pela Resolução nº 1, de 3 de agosto de 2006, o Iphan «dá ao conceito de patrimônio cultural imaterial algo que lhe é inerente, ou seja, seu caráter dinâmico e processual como fator de identidade de grupos sociais e de indivíduos»²⁴. O caso do patrimônio industrial de Galópolis, reflete esse caráter dinâmico que foi construído ao longo de sua história e que manteve os traços de sua identidade, sendo reconhecido como um lugar dos italianos. Esse caráter dinâmico e processual ultrapassa as evidências do patrimônio material e reforça o sentido do imaterial no momento em que postula a força da cultura na transformação, marcada pelo conhecimento que os emigrantes trouxeram e que constitui a sua história.

Conclui-se afirmando a necessidade de estudos acerca do patrimônio industrial como meio de fortalecer as ações educativas a fim de promover sua manutenção e colaborar para evitar a destruição da cultura que representa. Mesmo que haja muitas disputas políticas e econômicas sobre esses interesses, o conhecimento dessa história pode se tornar uma arma poderosa para travar essa luta. Segundo Barreto²⁵, as políticas de proteção ao patrimônio «não são neutras, espelham as ideologias dos que fazem as leis». O estudo desse patrimônio industrial, à medida que se têm ciência de sua representatividade, é importante garantir sua tutela no contexto histórico que se deu a industrialização no Rio Grande do Sul e sua urbanização. A materialidade presentes na sua arquitetura são provas das suas particularidades históricas.

VANIA B.M. HERÉDIA, GIOVANNI LUIGI FONTANA
(Universidade de Caxias do Sul-Università di Padova)

²⁴ A. DE MELO-P.F. CARDOZO, *Patrimônio, Turismo cultural e educação patrimonial*, in «Educação & Sociedade» Campinas, XXXVI, 133 (2015), p. 1068, in <http://www.scielo.br/pdf/es/v36n133/1678-4626-es-36-133-01059.pdf> [25-08-2018].

²⁵ M. BARRETTO, *Turismo e legado cultural: as possibilidades do planejamento*, 4.ed. Campinas, Papyrus, 2003, p. 13.

